

Encontro da Educação Popular e Universidades: experiências e desafios

Encuentro de la educación popular y universidades:
experiencias y desafíos

Meeting on popular education and universities:
experiences and challenges

Reseñas | Resenhas | Reviews

Data de recepção
Fecha de recepción
Reception date
17 de septiembre de 2016

Data de aceitação
Fecha de aceptación
Date of acceptance
20 de septiembre de 2016

Erick José Carvalho-Morris

Universidade de Coimbra, CES/FEUC
Coimbra / Portugal
erickmorris@ces.uc.pt

“Encontro da Educação Popular e Universidades: experiências e desafios” (EPU), ocorreu nos dias 17 e 18 de janeiro de 2016 dentro do Fórum Social da Educação Popular (FSEP), que também teve diversas atividades autogestionadas e de convergência até o dia 23 de janeiro, no contexto do Fórum Social Temático de Porto Alegre. O EPU contou com a participação de centenas de educadores de diversos países, sobretudo da América Latina, mas também da Europa e da África, para discutirem a necessidade e os potenciais da aproximação entre a educação popular, junto com seus diversos movimentos, e as universidades progressistas.

A iniciativa do FSEP surgiu de um diálogo entre a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais – Brasil (Flacso Brasil), o Centro de Estudos Sociais – Universidade de Coimbra (CES-UC), o Projeto ALICE: Espelhos Estranhos, Lições Inesperadas (CES-UC), a Universidade Popular dos Movimentos Sociais (UPMS), o Conselho de Educação Popular da América Latina e do Caribe (CEAAL), o Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO) e o Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais na África (CODESRIA), “como possibilidade de reunir universidades com atividades de Educação Popular assentes na ideia de que a democratização das sociedades passa necessariamente pela democratização do conhecimento”.¹

A conjuntura política no momento do encontro estava marcada pela crise do ciclo de governos progressistas da América do Sul, marcados dentre várias iniciativas e contradições, pela expansão da universidade pública e da ampliação do acesso à mesma. Paralelamente a esses avanços, em termos mais gerais, a crise da universidade e a sua mercantilização mantiveram-se como pano de fundo latino-americano e assim reforçam a importância da discussão, para a qual Boaventura de Sousa Santos (CES-UC) afirma que

¹ Mais informações no sítio eletrônico do evento: <http://www.forumeducacaopopular.org/>

Referencia para citar este artículo: Carvalho-Morris, E. (2016). Encontro da Educação Popular e Universidades: experiências e desafios. *Revista del Cisen Tramas/Maepova*, 4 (2), 217-224

(...) estamos em um momento em que a educação popular precisa da universidade e a universidade precisa da educação popular, dado o mundo em que vivemos, em que o capitalismo financeiro e o capitalismo universitário, que é muito forte no continente, estão procurando de alguma maneira dominar o sistema universitário.²

Diante deste quadro, o encontro apontou para a necessidade de superar a crise institucional e de legitimidade da universidade como produtora de conhecimento e instância de validação do mesmo, articulado à educação popular, para ampliar as conquistas dos movimentos e setores populares, que vêm enfrentando fortes questionamentos pela ascensão de novos grupos conservadores em países como o Brasil e Argentina.

O encontro esteve dividido em dois momentos mais amplos. O primeiro foi a abertura, no dia 17, pela parte da manhã, realizado na Câmara dos Vereadores da cidade de Porto Alegre, contou com diversas falas introdutórias à temática do encontro e apresentações culturais e artísticas. O segundo, na parte da tarde do mesmo dia, e o dia seguinte, já na Tenda Paulo Freire montada no Parque Redenção, foi dedicado à discussão em grupos e aprofundamento de temas específicos.

A abertura do encontro contou com falas de Salete Valesan Camba (Flacso-BR), Albert Sansano (STEs), Mauri Cruz (CAMP), que contextualizaram o EEPU dentro dos 15 anos do Fórum Social Mundial, além de apresentações culturais de artistas de rua e de hip-hop. Na sequência foi aberta uma Roda de Conversa, mediada por Oscar Jara (CEAAL) e Raiane Assumpção (UNIFESP), sobre "A relação entre Universidade e Educação Popular - atual momento histórico," cujo objetivo, conforme Raiane Assumpção apontou:

É de fazer essa discussão sobre como a universidade vem dialogando e compondo, ou não vem compondo, o que é



² Conferências completas no link: <http://www.forumeducacaopopular.org/#!blank-1/g84sp>

necessário fazer para que o conhecimento acadêmico dialogue e produza mais conhecimento a partir das práticas populares e como as práticas populares e os saberes produzidos pelos movimentos sociais e movimentos artísticos, como isso deve entrar cada vez mais no espaço da universidade. Este é o desafio que a gente se coloca neste fórum social.

A fala inicial da roda de conversa foi feita por Boaventura de Sousa Santos (CES-UC/UPMS), que destacou a necessidade de se discutir o futuro da universidade e o futuro da educação popular e a importância de aproximação desses dois movimentos de educação que estiveram tão distantes nas últimas décadas. Deste modo, ele afirmou que o encontro tratava de um processo de “deseducação” para podermos aprender e educar de outras formas: “Portanto há aqui uma desaprendizagem que é fundamental, em que a gente tem que se abrir a outras realidades, a outras cumplicidades, a outras formas de se entender a educação, o mundo e a universidade, pois é aí que está o futuro”. Traçando um panorama das transformações da educação popular e da universidade nos últimos quarenta anos, Santos realçou o protagonismo dos movimentos sociais na construção de conhecimentos e um processo de democratização da universidade, que se abriu para um público muito mais diverso, sem, no entanto, transformar profundamente o seu currículo: “Inclui gente diferente, mas não inclui culturas e cosmovisões diferentes”.

Esses processos ocorreram, segundo Santos, dentro de uma transformação social no continente que criou e ampliou as classes médias, complexificando o entendimento e a auto percepção das classes populares, que em parte ganharam mais direitos, embora ainda de caráter reversível. Contudo, as parcelas não incluídas nestes processos tornaram-se muito mais vulneráveis socialmente e politicamente. Dentro das transformações da universidade, Santos destacou a criação de experiências híbridas, surgidas tanto de universidades públicas tradicionais, quanto de universidades autônomas e dos próprios movimentos sociais, afirmando a relevância política de ocupar e reivindicar o nome universidade pelos movimentos populares, como nos casos da Unitierra dos Zapatistas ou a Universidade das Mães da Praça de Maio.

Santos ainda caracterizou três passos dentro da educação popular: o primeiro passo, a educação popular de Paulo Freire, sobretudo de alfabetização e de uma educação emancipatória; o segundo passo, de pesquisa-ação de Orlando Fals Borda, vinculando de modo mais sistemático a investigação acadêmica com a transformação social; o terceiro passo estaria vinculado ao nosso tempo e à nossa realidade, ressaltando a importância da representação do mundo como próprio e não restringindo o real ao que existe, mas também ao que pode vir a existir. Este passo seria parte da construção de uma pedagogia subalterna, ou uma pedagogia de retaguarda, baseada em três pilares: pedagogia das ausências (crítica radical da educação que nós temos), pedagogia das emergências (valorização dos outros conhecimentos) e pedagogia da artesanaria das práticas (com centralidade do conceito de luta e dos corpos nos nossos *curriculae*).

A fala de Boaventura de Sousa Santos foi seguida por comentários a partir de quatro experiências distintas de educação, desde universidades tradicionais que buscam formas educacionais inovadoras como também de casos mais alternativos que surgem do campo popular: primeiro, Lia Córdoba (Universidad de los Pueblos – Colômbia), que apresentou uma experiência inovadora em formação na Colômbia, uma universidade popular que busca construir uma educação para a paz, dentro dos processos de acordos para fim dos conflitos armados naquele país.

Em segundo, Naomar Almeida Filho (UFSB) apresentou a proposta inovadora da Universidade Federal do Sul da Bahia, da qual é reitor, baseada em quatro pensadores: Milton Santos, Paulo Freire, Anísio Teixeira e Boaventura de Sousa Santos. Criada em 2013, a UFSB busca articular a universidade aos sistemas educacionais, sendo caracterizada por uma territorialização, por princípios da educação popular, pela integração de modos e tecnologias e compromissada com a ecologia de saberes.

Em terceiro, Cláudia Rose (Museu da Maré-BR) apresentou o projeto pioneiro de museu dentro de uma das maiores favelas do Brasil, a comunidade da Maré no Rio de Janeiro. As exposições e o acervo do Museu da Maré, que tem cerca de dez anos, foram elaborados a partir dos registros e da memória coletiva da comunidade, articulada por meio de projetos culturais do governo federal e com apoio de parcerias com universidades e sobretudo com professorxs da rede pública estadual, que levam seus estudantes para conhecerem o espaço e também para criarem novas exposições, baseadas nas suas histórias e nas suas relações com a comunidade.

Por último, Jesus Alejandro Vera Jiménez (UAEM) apresentou a experiência da Universidade Autônoma do Estado de Morelos (México), da qual é reitor, que por meio de um longo processo de incorporação de influências e pesquisadorxs latino-americanxs, assume-se como uma universidade socialmente responsável e comprometida com a educação popular. Deste modo, a universidade tem ocupado um papel de articuladora de diversos setores da sociedade contra o avanço do capitalismo predatório e tem se oposto a grandes projetos de mineração de empresas transnacionais na região, que têm ameaçado a segurança e a saúde dos setores mais vulneráveis da população.

A segunda parte do encontro foi dedicado ao trabalho coletivo, fazendo jus à educação popular. Foram formados 4 grupos para discutirem a partir da proposta geral do encontro (a relação da universidade e a educação popular), considerando as falas mais gerais, com as seguintes temáticas: 1) Educação Popular e Universidade e a Extensão; 2) Educação Popular e Universidade e a Pesquisa; 3) Educação Popular e Universidade e a Cultura; e 4) Educação Popular e Universidade e os Direitos Humanos. Esta parte foi pensada em três momentos, como círculo de cultura, o primeiro na tarde do dia 17, iniciando a problematização dos temas, tendo como base a roda de conversa da primeira parte. No dia 18 pela manhã os grupos voltaram a se reunir para aprofundar a discussão e pensar em possibilidades de ação, dentro e fora das universidades. Por fim, na tarde do mesmo dia foi realizado uma plenária com a socialização das discussões dos grupos tanto de modo lúdico-criativo como com a apresentação das propostas.



O primeiro momento foi pensado como uma viagem coletiva da educação popular e da universidade, em que cada grupo deveria se questionar inicialmente sobre as seguintes perguntas: a) O que trazem de expectativas? b) O que trouxeram das respectivas experiências para compartilhar? c) E quais inquietações têm? A partir dessa reflexão coletiva, com uma intensa troca de experiências, de expectativas, inquietações e de diferentes saberes pelas diversas pessoas, instituições e movimentos participantes, os grupos foram desafiados a pensarem em possíveis articulações e caminhos para essa relação entre a universidade e a educação popular nos diferentes eixos propostos: cultura, direitos humanos, pesquisa e extensão.

Algumas das reflexões apresentadas pelos grupos foram as seguintes:

- A extensão universitária se faz de uma maneira extrativista. É preciso fazer a “extensão ao contrário” – forte questionamento do conceito tradicional de extensão;
- Existe um abismo nos processos formativos entre as propostas de cultura e o que se vive nas universidades;
- Crise de confiança da universidade: para falar de educação popular tem que haver comprometimento da universidade com a cultura local – a universidade se afasta do povo;
- Há resistência das universidades em relação a educação e cultura popular;
- As universidades são complexas e contraditórias, pois são compostas por pessoas com diferentes visões;
- Complexidade e contradições no campo dos saberes populares;
- Existe um distanciamento entre os saberes populares, suas singularidades e o que a universidade propõe;
- Como divulgar as práticas em educação popular de maneira mais ampla?;

- O que vai acontecer com os governos populares na América Latina?;
- Contexto neoliberal;
- Com o aumento do conservadorismo na sociedade é preciso radicalizar um pouco mais. Como avançar mais para não recuar?;
- Como esse fórum irá se posicionar frente aos ataques a Educação Popular?;
- Necessidade de reinvenção da universidade em suas múltiplas dimensões: política, ética, cultural, pedagógica, epistemológica etc.;
- Formação docente;
- Sistematização e mapeamento das experiências em educação popular;
- Questionamento da relação entre educação popular, extensão e políticas públicas;
- Como se faz? Princípios pedagógicos e metodológicos;
- Protagonismo dos sujeitos sociais e emancipação;
- Sair do campo teórico e ir para a prática;
- Ética na pesquisa;
- Discutir os métodos da pesquisa popular;
- Respeito às subjetividades;
- Potencial emancipatório da pesquisa no campo popular;

Os itens elencados são uma breve ilustração das discussões realizadas com muita amorosidade e preocupação por todos os participantes. O que se pode destacar é uma grande preocupação com o ainda grande distanciamento da universidade em relação à educação e cultura populares, mesmo em processos tidos como mais próximos de outros saberes, como a extensão universitária que ainda é uma maneira de levar conhecimento aos que “não têm conhecimento”. As próprias





pesquisas realizadas por pesquisadorxs populares, mas a partir das universidades, são apontadas como muitas vezes repetindo uma prática extrativista do conhecimento. Outra preocupação relevante é a da conjuntura dos governos populares na América Latina, o avanço neoliberal e conservador nas sociedades e as implicações disto para o campo popular. Diante dessas questões os grupos apontaram para a necessidade de maior unidade dos grupos, buscar mapear e sistematizar as experiências realizadas pelo continente e tornar espaços como o EEPU, o FSEP e o próprio Fórum Social Mundial em espaços propositivos e deliberativos.

Nas falas de encerramento, Boaventura de Sousa Santos e Pablo Gentili (Clacso) corroboraram esses diagnósticos, reforçando a necessidade de ocupar a universidade tradicional, disputando esse espaço e articulando-se com as experiências inovadoras e progressistas. Como desdobramento prático dessa discussão foi celebrado um acordo entre a UPMS e a Unifesp para a realização de oficinas interculturais como maneira de transformar a extensão universitária.

Outro desdobramento do EEPU e do FSEP foi a aprovação da “Carta de Porto Alegre”³, elaborada a partir dessas discussões, na oficina da UPMS, realizada no dia 22 de janeiro, onde se lê que:

Entendemos que a democratização das sociedades deve passar pela democratização do conhecimento, tanto básico como avançado. Este processo assenta-se não só na conquista de maior acesso ao saber acadêmico, o que requer a universalização do acesso à universidade, mas, sobretudo, uma revolução epistemológica, considerando como conhecimento válido os saberes leigos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses e oriundos de culturas não ocidentais, como indígenas, de origem africana, orientais, entre outros. Assim, para nós é cada vez mais óbvio que a universidade precisa da educação popular.

³ A carta está disponível no seguinte link: <http://www.forumeducacaopopular.org/blank-r3340>

Que venham mais encontros entre educação popular e a universidade e que se forjem mais articulações continentais de resistência ao avanço neoliberal e autoritário, propondo novas formas de nos organizarmos e de pensarmos o conhecimento.

PARA SABER MAIS

“Projeto ALICE: Espelhos Estranhos, Lições Inesperadas” ALICE (2015).

Fórum Social da Educação Popular: experiências e desafios em debate. Disponível no seguinte link: <http://alice.ces.uc.pt/news/?p=5034>

Baldoni Amaral, M. (2016). *FSEPop: Educação Popular e Universidade estão em uma encruzilhada*. Disponível no seguinte link: <http://alice.ces.uc.pt/news/?p=5091>

Formun de Educación Popular (2016). *Carta de Porto Alegre*. Recuperado de: Disponível no seguinte link: <http://www.forumeducacaopopular.org/#!blank/k3340>

Universidade Popular dos Movimentos Sociais (s/f). *Fórum Social da Educação Popular*. Recuperado de: <http://www.forumeducacao-popular.org/>

Canofre, F. (2016). *Fórum Social de Educação Popular debate “educação emancipadora”, em Porto Alegre*. Disponível no seguinte link <http://www.sul21.com.br/jornal/forum-social-de-educacao-popular-debate-educacao-emancipadora-em-porto-alegre/>

Fórum de Educação Popular (s/f). Disponível no seguinte link <http://frepop.org.br/>